

A RELÍQUIA de Eça de Queirós

Eça de Queirós, nasceu em Póvoa do Vazim em 1845, estudou direito em Coimbra. Ligou-se aos jovens que participaram da Questão Coimbrã (marco inicial do Realismo Português), teve importância nas conferências do Cassino Lisbonense. Ingressou na carreira diplomática tendo servido em Havana e Bristol, Inglaterra.

Escreveu muito, e dentre suas obras destacam-se *O Crime do Pe. Amaro*, *As Cidades e as Serras*, *o Primo Basílio*, *Os Maias* (minissérie da Globo 2001), *a Ilustre Casa de Ramires*.

A Relíquia é um romance enquadrado na escola do Realismo de 1887 publicado no Porto, em Portugal. A obra chegou para o leitor brasileiro por meio de folhetins publicados na Gazeta de Notícias, periódico do Rio de Janeiro do final do século XIX.

Quanto à estrutura, está distribuído em cinco capítulos, antecidos por um prólogo explicativo do narrador-personagem. Tem as características do Realismo desse grande autor português, isto é, severo e sarcástico, crítico em relação à hipocrisia religiosa e em relação aos valores fúteis e egoístas da burguesia da época.

A trama se desenvolve ao redor do conflito existente entre duas personalidades: primeiramente a poderosa Dona Maria do Patrocínio, chamada D. Patrocínio das Neves, Tia Patrocínio ou simplesmente Titi, riquíssima e católica devota, uma caricatura das devotas católicas (achava a natureza obscena por ter criado dois sexos). Do outro lado, temos seu sobrinho Teodorico Raposo, o Raposão, órfão desde bem jovem e entregue aos cuidados da tia, em Lisboa.

Capítulo I

Seu avô era um padre (irônico) e a avó doceira. Comenta o narrador que nascera em uma sexta-feira de Paixão, tendo sua mãe morrido no parto, pouco tempo depois perdera também o pai e aos 7 anos foi morar com a tia Patrocínio, titi.

Primeiro é enviado a um colégio interno onde conhece seu amigo e futuro cunhado Crispim. Em seguida vai a Coimbra para seguir seus estudos, tem uma vida de bebedeiras e mulheres mas escreve para a tia se passando por santo e recatado, pois tem intenção de ser seu herdeiro. Já homem feito e de barba, de volta à casa de Titi, em Lisboa, conhece Adélia, de quem se torna amante.

Durante uma de suas visitas à amante, Teodorico se encontra com o Dr. Margaride, através de quem fica sabendo que tem um rival no testamento, nada mais nada a menos que Jesus Cristo, a tia tinha a intenção de deixar a fortuna para a igreja. Ao que se revela em seus pensamentos:

“Pois quê! Não bastavam ao Senhor os seus tesouros incontáveis; as sombrias catedrais de mármore, que atulham a terra e a entristecem; as inscrições, os papéis de crédito que a piedade humana constantemente averba em seu nome?”

Como estratégia estabelece um plano de adora a Cristo em suas chagas de tal modo que a titi a respeito da devoção do sobrinho. Nesse mesmo dia para impressiona-la, entra no oratório rastejando e gemendo preocupado com a a salvação de sua alma, a tia fica impressionada muda. Teodorico fica coçando os joelhos só pensando nas mulheres que teria logo que a tia morresse e lhe restasse todo o dinheiro.

Mas algo muda seus planos e é traído por sua amante. Após a traição é abandonado por Adélia, por isso tenta, em vão, convencer sua tia, de quem já havia conquistado a confiança, a enviá-lo a Paris. Para Titi a cidade francesa era ambiente de intensa devassidão.

Consegue, contudo, ser seu portador de intenções religiosas em peregrinação a Jerusalém. Apesar de rejeitar o destino, aceita a viagem, imaginando as possíveis aventuras amorosas nas cidades que conhecerá ao longo do itinerário.

Capítulo II

Durante a viagem Teodorico, trava amizade com Topsius, estudioso alemão, antropólogo e historiador, no início da viagem, em Malta. (Ilha do Mediterrâneo situada abaixo da Sicília).

Em Alexandria conhece também a inglesa Miss Mary, “comerciante de luvas e flores de cera”, de quem se fará amante durante a curta, mas intensa estada no Egito. No dia de partir para Jerusalém a “Maricoquinhas” dá sua camisola de presente ao narrador, com dedicatória e tudo: “- *Dou-ta, Teodorico! Leva-a, Teodorico! Ainda está amarrotada da nossa ternura!... Leva-a para dormires com ela a teu lado, como se fosse comigo... Espera, espera ainda, amor! Quero pôr-lhe uma palavra, uma dedicatória! (...)*” **AO MEU TEODORICO, MEU PORTUGUESINHO POSSANTE, EM LEMBRANÇA DO MUITO QUE GOZAMOS!”**

Já na Terra Santa, Teodorico se aborrece com a quantidade de pessoas vendendo relíquias e lembranças. Ele acha Jerusalém uma cidade suja e o rio Jordão um de águas barrentas e sem graça, cenário que ele compara com Portugal elogiando sua terra.

Enquanto Torpsius parte para estudar as ruínas de Jericó o narrador se depara com uma árvore de espinhos e pensa em levar um pedaço à tia, oferecendo-lhe como relíquia da coroa de Cristo.

Capítulo III e IV

Ao chegarem à Palestina, Teodorico interessa-se apenas por uma vizinha de quarto, casada. Não consegue a aproximação desejada e, com o amigo historiador, buscará entretenimento em uma casa de dançarinas. Em ambiente descrito como repugnante, com mulheres pouco atraentes e hostis, também não conseguirá aplacar seus desejos

mais físicos, mesmo tendo dispendido boa quantidade de dinheiro. Seguem para Jerusalém.

Em um primeiro momento, Teodorico se vê envolto na sequência de acontecimentos ligados à Pascoa cristã. Descreve sua efetiva participação nas sagradas cenas que culminam com a morte e ressurreição de Jesus. Apesar de detalhada, o narrador acaba por revelar que sua experiência não passara de um sonho.

Teodorico confirma em Jerusalém real, bem distante de suas oníricas imaginações, a expectativa que formara em Lisboa acerca da Terra Santa. Seu desinteresse só foi quebrado por um bilhar e, um pouco antes, pela descoberta de uma suposta árvore de espinhos, de onde teria saído o galho que forjara a verdadeira coroa de espinhos de Jesus crucificado. Estava ali a relíquia encomendada por Dona Patrocínio, certificada pelo amigo Topsius como lembrança muito original e que, finalmente, faria dele um herdeiro universal.

Capítulo V

O pacote com a camisola de Miss Mary foi embrulhado em uma folha de papel, o qual precisaria ter se livrado antes de chegar à casa da tia, foi confundido com o da coroa de espinhos, entregue a uma pedinte por engano, já quando faziam o caminho de volta. E para completar o desastre, o embrulho da amante foi entregue à tia.

Raposão é expulso de casa (e da herança!), vive uma fase de redenção e passa a viver da venda de relíquias que, agora, depois de perceber que constituiriam desejada e valorosa mercadoria em Lisboa, principalmente porque chegara “fresquinho de Jerusalém”, ele mesmo fabricava. O negócio, apesar de próspero, entra em declínio com o passar do tempo. A tia falece e para Teodorico deixa em testamento apenas seu “óculo”.

Casou-se com a irmã do Crispim, colega dos tempos do colégio interno que, afinal, o ajuda a se erguer para uma vida comum. Oferecera-lhe emprego e lhe apresentara a

irmã. Torna-se pai, possui carruagem, recebe a comenda de Cristo, mas não deixará de pensar no revés provocado por não ter conseguido afirmar, àquela altura, na entrega da encomenda à tia, que a camisa pertencera a “Santa Maria Madalena”, por propícia coincidência das iniciais deixadas por Miss Mary no bilhete que acompanhava a “reliquia” das intimidades afetivas, no embrulho de papel.

Mas vale a pena comentar. Quem herdara grande parte da fortuna da tia foi um tal de Pe. Negrão que frequentava a casa de titi, e por sinal morava com a amante do protagonista, Adélia, a quem sustentava.

- **Foco Narrativo**

Primeira pessoa, narrador protagonista.

- **Tempo**

Técnica do *flashback* ou retrospectiva. A ação se passa na segunda metade do século XIX.

- **Espaço**

Prevalece Lisboa, mas temos também Coimbra; a Terra Santa e Egito.

- **Personagens**

Teodorico, personagem protagonista e narrador, neto de padre, órfão, mantido e educado às custas da tia, D. Patrocínio. Sujeito mulherengo e hipócrita. Submete-se a uma vida de beatismo e de religiosidade em que não acredita, para herdar a fortuna da tia.

D. Patrocínio, titi, velha beata **HIPÓCRITA**, magra e de carão chupado, incapaz de fazer uma caridade, mas faminta por hóstias e orações, sacerdotes e pessoas beatas, gosta delas por perto. O pecado para ela se resume em qualquer diversão ou prazer, sendo sexo o pior de todos.

Adélia, moça bonita e interesseira. Torna-se amante de Teodorico, embora mentida por outro amante, tem a esperança que o protagonista fique rico com a morte da tia as desiste

Casimiro, padre de cabelo encaracolado, procurador de titi e um de seus herdeiros.

Pinheiro, outro dos herdeiros da velha, padre moreno e triste, ficava sempre ao espelho examinando a língua para ver se estava doente.

Topsius, ilustre doutor alemão, tipo espigado e magro e pernudo, de nari agudo e pensativo, como uma “cegonha”. Óculos de ouro na ponta do bico, companheiro de Teodorico na viagem ao Oriente.

Crispim, “filho da firma Telles, Crispim & Cia, donos da fábrica de fiação à Pampulha, que se torna amigo de Teodorico ainda na infância e mais tarde consegue uma colocação em sua empresa, além de facilitar o casamento com a irmã.

Vicência, criada de braços gordos e brancos como leite, que levava Teodorico ao colégio, fora tirada da Misericórdia pela titi.

Outros, Justino, tabelião de titi, Margaride, ex-juiz e delegado aposentado, frequentador da casa da beata, Mary, amante de Teodorico no Oriente, dona da camisinha que causou tanta confusão ao narrador.

ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

Eça está inserido no Realismo-Naturalismo, estilos que respectivamente surgiram na França com o romance *Madame Bovary* de Gustave Flaubert e *Germinal* de Emily Zola. Ambas as estéticas se posicionaram contra uma visão romantizada da vida, de modo a criticar a sociedade burguesa, uma postura anticlerical e uma visão mais objetiva da realidade, opondo-se ao sentimentalismo romântico.

Eça sofreu influência de ambas correntes, mas podemos dividir sua obra em três fases:

- A primeira ainda não demonstra as características mais marcantes nem a qualidade que vai pontuar a obra do escritor português: *O mistério da estrada de Sintra*, com Ramalho Ortigão.
- A Segunda iniciada em 1875 com *O Crime do Pe. Amaro* tem uma ironia e humor corrosivos; fase tipicamente realista-naturalista, forte v visão crítica denunciando o provincianismo e o celibato clerical. *O Primo Basílio* também é dessa fase.
- A terceira é mais branda, menos pessimista e menos agressiva, tem ironia e crítica mas em tom acentuado e com esperança. *A ilustre casa de Ramires* e *as Cidades e as Serras*.

TRAÇOS ESTILÍSTICOS

- Prosa flexível e ironia ferina
- Visão pessimista da sociedade portuguesa
- Crítica mordaz e demolidora contra seus contemporâneos e contra as instituições portuguesas de sua época.
- Capacidade de captar e denunciar de modo caricatural as fraquezas do clero e das beatas, ampliando suas cretinices e seu ridículo.
- Linguagem dotada de naturalidade, fluente e prosaica.

PRINCIPAIS TEMAS

- Crítica ao beatismo hipócrita (orações e missas mas poucas atos verdadeiros de bondade), pouco amor ao próximo e muito egoísmo.
- Crítica à simonia, comércio de relíquias.
- Denúncia aos padres que pregam (o celibato e bondade) algo e fazem diferente (têm amantes).

Bibliografia

QUEIRÓS, Eça. *Obras de Eça de Queirós*, volume I. Porto, Lello, irmão – editores, 1974.

_____. *Literatura Comentada*. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

CHACON, G. *Literatura para Vestibular*. São Paulo, Flâmula, 1997.